



4258 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PESQUISANDO O MUNDO INFANTIL A PARTIR DE UM OLHAR DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Maria Thaís de Oliveira Batista - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

O presente trabalho tem o objetivo de analisar algumas pesquisas que versam sobre produções de gênero na Educação Infantil e compreender as suas especificidades no tocante às crianças e aos mundos infantis. Os anseios deste texto remetem à recente preocupação com a consolidação de estudos e pesquisas que requerem a elaboração e desenvolvimento de metodologias que propiciem um novo olhar sobre as crianças e suas infâncias. O recorte de gênero é elemento fundante para compreender as possibilidades de transgressão e produção cultural infantil em meio às experiências vivenciadas nas instituições de ensino e junto aos mundos infantis de forma geral. As produções aqui analisadas fazem-nos perceber as múltiplas dimensões que perpassam os processos de socialização na infância, entre as quais apresentam-se estereótipos de gênero relacionados ao manuseio de brinquedos e vivências com brincadeiras que fazem parte do processo de construção das masculinidades e feminilidades na infância.

Estudos de gênero. Infância. Educação Infantil.

PESQUISANDO O MUNDO INFANTIL A PARTIR DE UM OLHAR DOS ESTUDOS DE GÊNERO

1 INTRODUÇÃO

Nos processos de socialização da criança na Educação Infantil perpassam fatores que contribuem para a sua formação como sujeito co-partícipe e atuante, e para um desenvolvimento integral que envolve aspectos cognitivos, motores, sociais e afetivos. Alguns desses aspectos dizem respeito às relações de gênero materializadas no cotidiano das instituições de ensino por meio das vivências com o brincar nas relações entre meninos e meninas, e no contato da criança com professoras e figuras de apego no ambiente escolar.

Vemos a necessidade de uma análise das relações de gênero na infância sob um olhar diferenciado, de modo que compreendamos que a resistência das crianças aos modelos adultocêntricos e normatizadores é um passo para repensarmos as diversas situações de ensino, o discurso e a prática pedagógica que tendem a condicionar as interações e modelar perfis binários de gênero a partir da atribuição de características diferenciadas para cada sexo.

Nessa direção, este trabalho consiste em uma revisão de literatura que tem como principal objetivo de analisar algumas pesquisas que versam sobre produções de gênero na Educação Infantil e compreender as especificidades dessas pesquisas no tocante às crianças e aos mundos infantis.

2 DAS PESQUISAS COM CRIANÇAS E SOBRE CRIANÇAS

É nova a preocupação com a consolidação de pesquisas que requerem elaboração e desenvolvimento de metodologias que propiciem um novo olhar sobre as crianças e suas infâncias, se comparadas àquelas desenvolvidas até então *sobre* crianças no nosso país. Para Filho e Barbosa (2009), é necessário que compreendamos a relevância de um trabalho com estratégias e metodologias que possibilitem uma maior aproximação com o mundo das crianças.

Para que se obtenha êxito na realização de uma pesquisa *com* crianças, é necessária, inicialmente, a compreensão dos lugares a serem ocupados pelo/a pesquisador/a e sujeitos da pesquisa. A pesquisadora apresenta-se como adulta imersa em um lugar de escuta em um mundo infantil e a criança como participante ativa e contribuinte para a construção dos dados da pesquisa (BARBOSA; KRAMER; SILVA, 2005).

As pesquisas *com* crianças ganharam maior destaque a partir do surgimento dos novos estudos sociais da infância, que com suas ideias resignificaram o lugar da criança como protagonista que, até então, se encontrava ausente nas pesquisas, auxiliando, assim, em um maior entendimento da infância e suas particularidades nos diferentes contextos, o que resultou em significativo reconhecimento da infância como campo de estudo (FILHO; BARBOSA, 2009; PINTO; SARMENTO, 1997).

Segundo Rocha (2008), diferente dos estudos *com* crianças, os estudos *sobre* crianças objetivavam revelar os espaços (cultural, educativo ou social) em que se encontram inseridas, sem dar visibilidade, reconhecer e valorizar suas vozes no interior do campo de pesquisa, assumindo a compreensão da infância a partir de um olhar advindo da cultura adultocêntrica.

Filho e Barbosa (2009) indicam alguns desafios teórico-metodológicos encontrados pelos/as pesquisadores/as na consolidação de pesquisas *com* e *sobre* crianças. Alguns destes desafios dizem respeito, por exemplo, aos modelos de comunicação pré-estabelecidos entre crianças e adultos e o modo como a participação infantil torna-se visibilizada a partir da relação pesquisador-sujeito no processo de pesquisa.

Tais desafios impõem a necessidade de reflexão acerca da necessidade do desvelamento de posturas reguladoras que permanecem implícitas nos discursos que circulam costumeiramente no âmbito educativo, pois o reconhecimento da infância como construção social e da criança como produtora cultural e sujeito protagonista do seu processo de socialização requer que tenhamos consciência da (in) visibilidade das vozes das crianças.

Nessa perspectiva, a pesquisa *com* crianças nos possibilita, assim, entrarmos em contato com a produção das culturas infantis, com a ideia da criança como contribuinte do meio em que vive, de modo a ressignificá-la a partir das relações que estabelece consigo, com os pares e com a linguagem infantil no âmbito educativo (BARBOSA; KRAMER; SILVA, 2005; ROCHA, 2008).

Desse modo, almeja-se um novo olhar sobre a criança e sua infância, na medida em que suas vozes venham a ser visibilizadas e não mais silenciadas nas pesquisas e no próprio âmbito educativo por meio da imposição de uma cultura adultocêntrica ou da regulação dos modos de ser menino e menina, pois “[...] precisamos ainda superar o grande desafio de aprender a se relacionar respeitando ‘os jeitos’ de ser das crianças” (FILHO; BARBOSA, 2009, p.2).

3 BREVE DISCUSSÃO EM TORNO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pensar a infância como construção social requer que compreendamos os contextos cultural, social e familiar em que as crianças se encontram, considerando a diversidade de suas formas de relacionamento e manifestação nesses contextos. Nessa perspectiva, cabe à pesquisadora, bem como à própria profissional inserida no âmbito escolar, compreender as particularidades dos contextos global e local vivenciados pelas crianças, pois compartilhamos com Cohn (2005, p.21) o pensamento de que a infância nada mais é do que “[...] um modelo particular, e não universal de pensar a criança”.

Kishimoto e Ono (2008) realizaram uma pesquisa com crianças de 2 a 10 anos, com o intuito de estabelecer relações entre brinquedo, gênero e educação em uma brinquedoteca de uma instituição de ensino, com base em uma perspectiva de gênero performativa. A pesquisa indicou a predominância de estereótipos de gênero no contato com brinquedos e brincadeiras nos processos de socialização na educação infantil e fundamental e a dificuldade de eliminar os preconceitos impregnados nas relações de gênero nas brincadeiras infantis. As autoras não descartam a possibilidade de mudança nesse quadro e enfatizam o valor das políticas de valorização da equidade, que possibilitem o protagonismo de meninos e meninas como sujeitos autônomos em relação às suas culturas infantis.

Compreendemos, assim, a relevância dos brinquedos e brincadeiras para a construção do gênero na Educação Infantil, na medida em que, nesse processo de construção de papéis masculinos e femininos, os brinquedos e brincadeiras expressam preconceitos e estereótipos de gênero nos processos de socialização na infância – seja de cunho familiar ou escolar.

Vianna e Finco (2009) discutem, em sua pesquisa sobre relações de gênero e poder no espaço escolar, algumas práticas e relatos de professoras ao lidar com meninos e meninas nos processos de socialização na educação infantil. A pesquisa mostrou que crianças que transgrediam as fronteiras de gênero que lhes eram impostas eram tratadas a partir de uma compreensão naturalizada e biologizante de ser menina e ser menino. As autoras argumentam que essa educação, pautada em processos de naturalização dos corpos e numa disciplina que insiste e persiste em manter os padrões tradicionais heteronormativos, deixa diferentes marcas e sentidos nas habilidades e comportamentos das crianças que transgrediam as fronteiras de gênero.

Ainda que predominem práticas de desvalorização da equidade de gênero e de valorização das estereótipias entre meninos e meninas na Educação Infantil, compreende-se que estes sujeitos se mostram cada vez mais como atores sociais do seu desenvolvimento e construção da sua personalidade, na medida em que resistem a imposições, produzindo uma cultura que é específica do seu grupo. Em suas particularidades, essas crianças desafiam, assim, as normas impostas e as colocam em discussão, corroborando o pensamento de que infância e formação das masculinidades e feminilidades infantis são construções sociais e que, portanto, necessitam ser vistas como tal (VIANNA; FINCO, 2009).

Azevedo (2003) realizou um estudo etnográfico que objetivou identificar as principais representações sociais de gênero, circulantes no contexto da educação infantil, bem como conhecer como se estabelecem aí as relações de gênero/poder. Observou as relações entre crianças e com professoras no âmbito da instituição, nos momentos internos e externos à sala de aula. O foco da pesquisa foi a atribuição de valor aos brinquedos e brincadeiras, considerados meios de socialização da criança, presentes na faixa de zero a seis anos de idade. Os resultados mostraram que as práticas e a materialização do próprio currículo da Educação Infantil produzem precisamente uma série de fatores que levam a discriminação e desigualdades de gênero entre meninos e meninas, no tocante às representações e relações de gênero e poder. A autora enfatiza a necessidade da construção e valorização de políticas públicas com o intuito de desconstruir a díade gênero/poder.

Buss-Simão (2013) em seu estudo com crianças de dois e três anos de idade, de uma instituição pública de educação infantil de tempo integral, objetivou identificar formas, significações e vias de transmissão de elementos culturais e sociais envolvendo a dimensão corporal com crianças pequenas. A autora centrou sua pesquisa na participação e valorização das vozes infantis como aspecto principal, destacando a categoria de gênero como elemento constitutivo dos seus processos de socialização entre pares e adultos. Os resultados da pesquisa, a partir da perspectiva das crianças, mostram que entre meninos e meninas corpo e gênero encontram-se inter-relacionados e assumem, portanto, um caráter de intensa contradição e nuances distintas. As crianças demonstraram um processo de construção de gênero não determinado pela biologia, mas sim como uma construção social.

A compreensão de gênero sob uma perspectiva de fronteiras fixas e estereótipos culturais limita o olhar, invisibilizando aspectos da complexidade e transversalidade que envolvem a construção da personalidade infantil. Esse olhar determinante e segregador impossibilita

enxergar o que compõe a complexidade do real quando se trata de educação infantil e construção de gênero nas culturas infantis (AZEVEDO, 2003; BUSS-SIMÃO, 2013; KISHIMOTO; ONO, 2008).

Gobbi (1997) em seu estudo sobre relações de gênero com oito crianças com idade de quatro anos frequentadoras de uma instituição de Educação Infantil da periferia da grande São Paulo, aponta para o entendimento da criança como ator social e produtora de cultura, que precisa ter sua voz visibilizada e considerada dentro dos âmbitos escolar e familiar. A autora destaca o desenho como um instrumento relevante para conhecer a criança e as especificidades que perpassam a construção da sua personalidade infantil, como possibilitador de uma representação das falas e das interpretações infantis acerca de diferentes problemáticas. Os resultados mostraram, a partir dos desenhos das crianças, bem como dos relatos dos pais/mães participantes da pesquisa, que as relações de gênero e poder vêm passando por um longo processo de turbulenta transformação paradigmática, advinda de um intenso processo de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais, que se reflete diretamente nas relações experienciadas entre homens e mulheres, bem como entre meninos e meninas na Educação Infantil.

Grande parte dessas produções sobre relações de gênero na Educação Infantil enfatiza que as crianças tanto aprendem sobre as diferenças e relações de gênero e poder no âmbito escolar, como também são capazes de lidar de forma a legitimar ou subverter fronteiras e estereótipos impostos culturalmente, pois, como afirma Corsaro (2009, p.35), essas "[...] expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas são socialmente construídas pelas crianças nas interações com adultos e entre si".

CONCLUSÃO

As relações de gênero são ainda hoje vistas como problemáticas no âmbito escolar, na medida em que requerem por parte dos profissionais da educação um olhar atencioso e cuidadoso em meio às vivências entre meninos e meninas no contexto institucional. Reconhecendo a relevância da realização de pesquisas que versem sobre a temática de gênero e educação de crianças, este texto recuperou procedimentos teóricos e metodológicos utilizados nos últimos anos em torno da temática.

Os estudos sobre gênero mostram o importante papel do brincar no processo de constituição da criança como sujeito protagonista mediante as vivências que possibilitam a produção das culturas infantis e através do contato com os pares e das transgressões por elas vividas no cotidiano das instituições de ensino. Trazem a ideia de que a condição de gênero, legitimada em meninos e meninas, forma-se em construções, imagens, modelos, símbolos, nos quais estão presentes conflitos, tensões e negociações, seja por meio da manutenção de estereótipos, seja na resistência, ou, ainda, na luta por sua ruptura.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Tania Maria Cordeiro de. **Brinquedos e gênero na educação infantil**: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro. São Paulo: s.n., 2003. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- BARBOSA, Sílvia Neli Falcão.; KRAMER, Sônia.; SILVA, Juliana Pereira. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. v 23, Janeiro/Junho, Florianópolis: 2005.
- BUSS-SIMÃO, Márcia. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de Pesquisa**, v.43 n.148 p.176-197 jan./abr. 2013.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro, editor Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. MÜLLER, Fernanda. CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). São Paulo: Cortez, p. 31-50, 2009.
- FILHO, Altino José Martins.; BARBOSA, Maria do Carmem Silveira. **Metodologias de pesquisas com e sobre crianças**. In: Simposio Internacional: Encuentro etnográficos con niños y adolescentes en contextos educativos. Buenos Aires, 2009.
- GOBBI, Márcia Aparecida. **Lápis Vermelho é de mulherzinha**: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação Unicamp, 1997.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida.; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008
- PINTO, Manuel. SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, Manuel. SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças**: Contextos e Identidades. Braga. Centro de Estudos da Universidade do Minho, 1997.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In CRUZ, Silva Helena Vieira. (Org) **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, p.43-51, 2008.
- VIANNA, Cláudia. FINCO, Daniela. Meninas e Meninos na educação infantil: Uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, nº33, p.265-283, 2009.